

**COMÉRCIO /** Desde 2013, houve drástica redução no número de estabelecimentos que ficam abertos a noite inteira: de 420 para os atuais 200. Além da queda nas vendas e no número de postos de trabalho, clientes são atendidos por meio de grades e ficam expostos a bandidos

## Violência freia serviços 24h

» MARYNA LACERDA

O risco de assaltos e roubos vem deixando o mercado noturno sombrio. Por causa do medo da violência, os estabelecimentos com atendimento 24h têm limitado o funcionamento a horários em que o movimento nas ruas ainda é intenso. Para se ter uma ideia, de 2013 para cá, a redução foi drástica: das 420 empresas que ofereciam o serviço em todo o DF, apenas 200 permanecem com as portas abertas após as 22h, segundo estimativa do Sindicato do Comércio Varejista do DF (Sindivarejista). Além da perda em vendas, os custos com a implantação de sistemas de segurança onera os comércios e consome recursos que poderiam ser usados para investimentos no negócio.

Lojas de conveniência de postos de gasolina, farmácias, padarias e bancas de revista são as que sentem na pele e no caixa o custo da insegurança, segundo o presidente do Sindivarejista, Edson de Castro. "Além do prejuízo com perda de mercadorias e possíveis danos, há a perda na geração de empregos. Postos de trabalho são fechados ou deixam de ser criados por causa da violência", afirma. De acordo com Castro, o problema atinge o DF como um todo, mas se concentra no Plano Piloto, em Ceilândia, em Taguatinga e em Samambaia, regiões administrativas mais populosas e com maior quantidade de comércios. "No Plano Piloto, o lojista não registra ocorrência porque acha que não vai resolver nada. Se solicita a perícia, ela demora demais para chegar", critica.

Ainda que não seja possível estabelecer uma cifra para a redução da atividade comercial noturna, a situação tem dois desdobramentos claros: a perda

da produtividade e a mudança de comportamento de consumo, de acordo com o professor de economia do Ibmec-MG Reginaldo Nogueira. "O dinheiro não fica diretamente disponível para investimentos no negócio, pois é alocado em câmeras e no pagamento de seguranças armados ou não. Além disso, os clientes deixam de procurar as lojas de rua e vão para os shoppings, onde o custo com segurança é rateado entre os empresários. Os comércios do centro das grandes cidades sofrem com o esvaziamento da clientela", explica.

### Entre grades

As lojas de rua que lutam para permanecer no segmento são obrigadas a adaptações nem sempre receptivas ao consumidor, na avaliação do presidente da Federação do Comércio no DF (Fecomércio), Adelmir Santana. "O atendimento é precário, feito por meio de grades. O cliente não pode circular pela loja, fica totalmente exposto do lado de fora", diz.

Para se proteger de assaltos e roubos, o dono de uma banca de revistas na 108 Sul, Lourival Marques, 66 anos, desenvolveu um esquema de segurança. Ele manteve atendimento 24h de 1993 a 2001. Hoje, no entanto, só o faz até as 21h. Além disso, a partir das 18h, fecha a porta frontal do estabelecimento e vê o cliente por meio de um vidro reforçado. A entrada só é possível se ele destravar uma porta lateral e, caso haja qualquer suspeita de assalto, Lourival aciona a Polícia Militar, sai da banca e tranca o suspeito dentro. "Às vezes, a gente fica com medo antecipado e desenvolve formas de se proteger. O 'malandro', quando encontra um empecilho, não faz a abordagem", acredita.



Com medo de assaltos, dono de banca de revistas na 108 Sul fecha a porta às 18h: ele decide quem pode entrar



Câmera de segurança em banca na 107 Sul: no DF, a média é de um equipamento para 4,7 habitantes



Número de empresas de sistemas eletrônicos de segurança no DF

### Câmeras em profusão

Se o comércio como um todo amarga prejuízos com a violência, pelo menos o segmento de segurança privada registra crescimento de 10% no ano passado. No Distrito Federal, são 1,6 mil empresas no setor e 6 mil postos de trabalho, segundo o Sindicato das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança do DF (Siese-DF). Pelo menos 15,5 mil imóveis são monitorados e há 600 mil câmeras instaladas. A média é de cerca de um equipamento para 4,7 habitantes. Ainda assim, somente o sistema de vídeo não é suficiente para afastar a criminalidade, de acordo com o presidente do Siese-DF, Roberto Castelo Branco. "A câmera só vai dizer quem roubou. Fora isso, não impede o roubo. As pessoas param de colocar o alarme por achar que o monitoramento basta. Mas quem alerta quando o estabelecimento e a residência são invadidos é o alarme", defende.

Comparado a outros países, o Brasil ainda tem muito a melhorar no quesito investimento em segurança privada, segundo Castelo Branco. "As pessoas seguem a febre das câmeras e as instalam, mas esquecem que o Brasil não é país de primeiro mundo e que a violência aqui é significativa. Por isso, não instalamos os demais equipamentos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o sistema de segurança completo, com alarme e botão para acionar a ronda motorizada, é requisito básico. As casas e os comércios de lá já são projetados para conter esses elementos", compara.

»

O dinheiro não fica disponível para investimentos no negócio, pois é alocado em câmeras (...). Os clientes deixam de procurar as lojas de rua (...). Os comércios do centro das cidades sofrem com o esvaziamento da clientela"

Reginaldo Nogueira,  
professor de economia